



TRADUÇÕES

Sergio Buarque de Holanda

50/06/18
Hélio Cavaco
p. 5-6

QUEM pretenda estudar os mais recentes desenvolvimentos da literatura de ficção no Brasil não poderá restringir-se à consideração das obras diretamente escritas em português. Há traduções que, em virtude do esforço de adaptação e assimilação exigido, e ainda das suas possíveis repercussões na vida espiritual de um país, não reclamam menos do que elas a dedicada atenção da crítica.

O tradutor é o prisioneiro de uma forma que não seria naturalmente a sua, que não ajudou a constituir e que resiste, quase sempre, a toda tentativa para uma transposição literal em outra língua. Na medida, porém, em que ele pôde assimilar a emoção originária do autor, se apropriar, com feliz êxito, dos recursos, soluções e dições, não raro insólitos, que aquela forma inclui, é lícito afirmar que participou a seu modo do ato de criação. E que seu sacrifício, por severo que seja, representa o preço de liberdades novas e novos descobrimentos. Pois uma obra que forneceu valiosos elementos de expressão a certo idioma não deixará, traduzida, de produzir resultados semelhantes no idioma do tradutor.

O caso, por exemplo, da versão brasileira, ainda em curso, da obra mestra de Proust poderá vir a ser singularmente importante desse ponto de vista. Ainda é cedo para se tentar predizer até onde esse empreendimento editorial há de

significar sucesso de primeira grandeza na história de nossa literatura, em particular de nossa literatura de ficção. Basta nos observar, por ora, que ele já acarretou um interesse raramente provocado, até hoje, por autores nacionais. Interêsse que se espelha bem na recente publicação, por uma revista de miócos, da coletânea intitulada *Proustiana Brasileira*. E que permitiu a um crítico ilustre — o sr. Álvaro Lins — dedicar sem maior escândalo, a "técnica do romance em Marcel Proust", a tese com que se apresentará a concurso para uma das cadeiras de Literatura no Ginásio Pedro II. Os regulamentos do concurso impedem de apreciar de público essa contribuição, mas sua simples presença já é suficientemente impressiva para que se deva registá-la de passagem.

PROUST foi um dos dois inovadores da técnica do romance em nosso século. O outro inovador, mais radical, certamente e, em alguns aspectos, mais fertilizante, não conseguiu alcançar entre nós as mesmas honras. Sem dúvida porque a obra verdadeiramente revolucionária de Joyce — o *Ulisses* — (já não me refiro a *Finnegans Wake*, publicada mais tarde e a bem dizer intraduzível) aguarda até hoje o editor enérgico ou melhor o tradutor heroico e bem dotado, que se disponha a apresentá-la ao público de língua portuguesa.

584
P. 72 P. 14
12

Na Exposição Ioyceana organizada em Paris pela livraria *La Hune*, de St. Germain-des-Prés e que me foi dado percorrer há poucos meses, destacava-se num mostruário, pelas cores gritantes da capa, a conhecida versão brasileira de outro livro de Joyce: *Retrato do Artista quando Jovem*. Era o único sinal manifesto de que o renome do grande irlandês já alcançara nossas terras. De *Ulisses* apresentavam-se as versões francesa, alemã, tcheca, sueca, uma das japonesas (há nada menos de três, ao que parece) e prometiam-se para breve uma italiana e outra dinamarquesa. Os elaboradores do catálogo impresso lamentavam não ter sido possível exibir-se a russa, a espanhola e a portuguesa, que diziam não possuir, embora admitindo de modo expresso que "existem sem dúvida".

Houve a parentemente engano com relação à suposta versão portuguesa: o volume de *James Joyce Yearbook*, impresso às vésperas de inaugurar-se a exposição, e que não deixa de mencionar a tradução espanhola publicada em Buenos Aires há dois anos, diz apenas que há contrato assinado para uma edição portuguesa em preparo, sem esclarecer, todavia, se em preparo no Brasil ou em Portugal.

As dificuldades que oferece o problema de traduzir-se uma obra como *Ulisses*, de leitura áspera, mesmo para quem conheça bem a língua do original, existem certamente e são notórias. Não acredito, porém, que sejam insuperáveis. Para tanto, a solução mais plausível seria, talvez, um bom trabalho de equipe, incumbindo-se cada tradutor de três ou quatro episódios. Os inconvenientes que apresenta em geral este sistema não seriam graves no caso, uma vez que o próprio Joyce, com sua inigualável virtuosidade, deu deliberadamente a cada um dos dezoito episódios que compõem seu livro, um estilo e um ritmo diferente.

Por outro lado, o enriquecimento que semelhante iniciativa poderia proporcionar à expressão literária e particularmente à arte e técnica da novela entre nós, pagaria bem as dificuldades. Parece certo que muito da novidade estilística e técnica do moderno romance norte-americano (com o monólogo dramático, por exemplo, ou a estrutura de contraponto, que Dos Passos iria empregar e desenvolver) teria sido impossível sem o pródigo exemplo de Joyce, acomodando a língua inglesa à manifestação de novas e valiosas experiências.

A mesma coisa, ou quase, pode-se dizer que tem ocorrido em terras onde a importância de tal exemplo só se tornou plenamente acessível graças a boas e oportunas traduções do *Ulisses*. Numa das paredes da sala de exposição de La Hune exibia-se a imagem de uma

(Conclui na 6.ª página)

Continua no verso

Traduções

(Conclusão da 5.^a pág.)

árvore vasta e generosa, onde os galhos figuravam as obras das modernas literaturas que se conceberiam mal sem o contato fecundante da paisagem joyceana. Nela apareciam naturalmente em primeiro plano, nomes de livros e autores anglo-saxões e franceses (Faulkner, Hemingway, Wolfe, Virginia Woolf, Henry Miller, Larbaud, Aragon, Celine, Sartre...), mas não faltavam contribuições de outros países, da Alemanha principalmente, onde os romances de um Alfred Doblin (*Berlin Alexanderplatz*) ou de um Hermann Broch da trilogia dos *Sonâmbulos*) pertencem francamente à mesma paisagem.

Descontado o que possa entrar de caprichoso ou excessivo em algumas dessas filiações, parece inevitável pensar-se que tudo isso inclui parcela apreciável de verdade. E não é certamente demasiado dizer-se da influência joyceana que tem sido quase tão decisiva na formação da moderna prosa de ficção quanto a de Rimbaud o foi na moderna poesia.

DE outra obra ilustre ousou dizer que tanto quanto *Ulisses* poderia ser traduzida, sem grave inconveniente, através de um trabalho de equipe, se essa mesma obra não tivesse aparentemente encontrado, ao menos para os primeiros volumes, tradutor quase exemplar. Refiro-me a *José e seus Irmãos*, de Tomas Mann, que vem saindo em tradução portuguesa do sr. Agenor Soares de Moura, editada pela Livraria do Globo.

O romancista alemão é algumas vezes lembrado ao lado de Proust e Joyce, como um dos inovadores do romance contemporâneo. Ele próprio declarou, em certa ocasião, a propósito das histórias de José (nos *Neuen Studien*, Estocolmo, 1948, pg. 163) que pretendia expressamente renovar e refrescar a narrativa bíblica, servindo-se para isso "de todos os meios modernos, tanto espirituais como técnicos". E se é certo que apresenta, com aqueles seus êmulos, diferenças notáveis, não parece fácil dissimularem-se os pontos de contato.

Um deles está iustamente em uma extrema virtuosidade nos domínios da linguagem, que o leva, quando necessário, a matizá-la conforme as circunstâncias da narrativa. Em Proust, o gosto do pastiche teria, segundo sua mesma confissão, a função de libertá-lo de influências alheias que julgava opressivas. Mas um crítico atento não deixaria de notar como essa mesma habilidade lhe serviria para reproduzir, com nitidez convincente, não apenas os hábitos linguísticos como a própria modulação de voz das personagens. Em Joyce a paródia chega a incorporar-se deliberadamente à arquitetura da própria obra. E de tal modo que uma das suas cenas mais características, a do hospital, que compõe o décimo quarto episódio do *Ulisses* (*Oxen of the Sun*), não passa, em realidade, de uma antologia de paródias, envolvendo desde o anglo-saxão primitivo até ao moderno *slang*.

Já em Mann, a capacidade imi-

tativa responde a um tipo de sensibilidade onde não há lugar para a impersonalização deliberada do autor — um dos dogmas ao contrário, da estética joyceana — ou para sua aparente passividade em face dos acontecimentos ou das impressões, como em Proust. O esforço que empreende para apropriar-se de um mundo que não é naturalmente o seu — a tentativa, entre outras, de absorção da "atmosfera" goetheana, no romance *Carlota em Weimar* — não significa um perder-se nesse mundo e não exclui uma participação ativa do autor na própria criação.

MAS pode significar — e significa, seguramente, na evocação do ambiente bíblico das histórias de José — uma realização artística e estilística das mais audaciosas de nossa época. E talvez cêdo para se pretender que a realização está plenamente à altura da intenção ou das expectativas do autor, e que esta obra pode situar-se com toda justiça ao nível das outras, mais arrojadas na aparência; no fundo, porém, nascidas de uma ambição mais discreta e bem mais em harmonia com os modernos ídolos da tribo. Mas o esforço que ela representa e os resultados que, bem ou mal, já alcançou, reclamam consideração. A eles, mas sobretudo à tentativa de apresentá-los a leitores brasileiros, será dedicado o próximo artigo desta seção.

Remessa de livros: — Rua Had-dock Lobo, 1625 — São Paulo.